BIBLIOTHECA PARA A INFANCIA

MARIA O'NEILL

HORAS DE FOLGA

PARCERIA A. M. PEREIRA LIVRARIA EDITORA

L
31664

Lo 30664

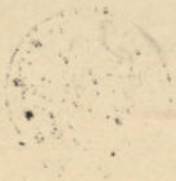
Deu entrada em 27
de Maio de 1913
Leal

R. P. L.
341

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

I

HORAS DE FOLGA



I.F. 18989

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

POR

MARIA O'NEILL

PROP. LIT.

I

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

HORAS DE FOLGA

CONTOS

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

1913

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

1913

—

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

DA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

O RAIO

João chorava, trémulo, agarrado á saia da mãe, escondendo o rosto no avental de riscado para não vêr o fuzilar dos relâmpagos.

A mãe afagava-lhe os caracóis loiros, procurando consolá-lo.

Nisto, entrou seu primo Luís, mais velho cinco anos do que êle, e, depois de beijar a tia, perguntou-lhe:

— ¿Porque choras?

— Tenho mêdo da trovoada.

— Tambem eu; mas isso não é razão. Pareces um *maricas*.

Esta expressão de *maricas* pareceu ofensiva a João, que còrou até ás orelhas, limpou os olhos e, fazendo um esfôrço sôbre si próprio, chegou perto da

janela e esperou vêr o relâmpago e ouvir o trovão. Fitou um, ouviu o outro sem pestanejar, e depois, voltando-se para o primo, perguntou-lhe:

O primo Luís

—¿E agora?... ¿ainda te parêço um *maricas?*

—Não. Agora tens o ar dum homem.

João sorriu satisfeito e, depois dum instante, perguntou:

— ¿É Deus, quando se zanga, que desabafa assim a sua cólera, Luís?

— Não, meu amigo. Isto é uma descarga elétrica produzida entre uma nuvem e a terra: descarga que se dá muitas vezes durante uma tempestade.

— Mas a minha vizinha Joana disse-me que eram os santos que arrumavam no ceu o quarto de Nosso Senhor; e que, como os móveis são muito pesados...

— A vizinha Joana não sabe o que diz. ¡E tu fias-te nela!

— ¿Então a tempestade é uma descarga elétrica?

— Não. O raio é que é uma descarga elétrica que, como já te disse, se produz entre uma nuvem e a terra e converte em vidro, não só as areias, como a superfície de certas rochas.

João repetiu as palavras do primo com o cuidado de quem estuda uma lição.

Luís volveu:

— Eu tambem, quando era mais pequeno, me ajoelhei, rezando e a tremer de mêdo junto duma árvore, ignorando que não podia estar em pior sítio.

— ¿Então estar ao pé das árvores é perigoso?

— Certamente, porque atráem os raios.

— ¡Tu sempre sabes muito, Luís!

Vaidoso com o elogio e não querendo levar mais longe a conversa, com receio de perder no conceito do primo, Luís falou de outra coisa.

A' tarde, ao jantar, o pai do João, que fazia anos nesse dia, tinha alguns convidados, todos trabalhadores como êle e ignorantes de tudo que não fôsse o seu ofício, mas muito inteligentes e curiosos de saber. Falou-se na tempestade do dia e todos fôram

... rezando junto d'uma arvore...

unánimes em concordar que tinha sido a maior dos últimos anos. Depois começaram a falar sobre as origens do raio e cada um lhe atribuiu as mais várias e disparatadas.

Luís, que estava nesse dia preso nas aulas até mais tarde, não assistia á refeição, e a mãe do João, entretida a pôr e tirar pratos, não dava maior atenção á conversa dos seus hóspedes do que dera pela manhã á dos pequenos.

João, comendo o arroz e o cozido, ouvia com um sorriso superior as várias hipóteses dos amigos de seu pai. Quando todos tinham dado a sua opinião, êle poisou o garfo no prato despejado, e disse:

— Eu sei a origem do raio.

— Tu?! exclamou o pai, rindo.

— Sim, eu.

— Sabe, sabe, afirmou a mãe.

— Foi o Luís quem me explicou.

— Oh! O Luís é quàsi um doutor!

— Tem um grande amôr ao estudo.

— Lá isso tem, apoiaram algumas vozes.

— Bem. Então, se sabes, dize lá, ordenou o pai.

João, com voz muito clara, papagueou:

— O raio é uma descarga elétrica que se produz entre uma nuvem e a terra, e transforma em vidro as areias e a superfície de certas rochas.

Todos ficaram pasmados da sciência de João e o pai dêle, tão vaidoso, que nessa tarde levou-o a passear e, a todos os conhecidos, que encontrava, dizia:

— O meu rapaz, aqui onde o vês, tem só sete anos. Pois já sabe mais do que o pai... Pergunta-lhe a origem dos raios.

João, vendo que com tão pequeno trabalho como é o de prestar atenção a uma coisa que nos ensinam, alcançara tão grande triumfo, tornou-se estudioso e aplicado.

Êle, que era um grande mandrião, tornou-se o enlêvo dos paes e de quantos o conhecem.

E, quando se lembra da sua antiga preguiça, murmura:

—Abençoado raio!... Se não fôsse êle...

O MESTRE

João, logo de manhã,
Disse á irmã: — Vamos aos ninhos.
— ¿E se nos ralha a mamã
Que quer tanto aos passarinhos?

— Então? Se ralhar, ralhou.
Eu preciso de brincar.
Já ontem disse ao avô
Que iria hoje caçar.

— Ha um ninho de andorinha
Sobre a porta da capela.
— Um outro na da cozinha,
Que eu vi da minha janela.

— Bem. — Tens geito e não és tola.
Pareces-me inteligente.
Se aprendes, é tua a rôla,
Que o pai me deu de presente.

Hei-de ensinar-te, Maria,
Quanto estudo no liceu.

Vamos aos ninhos...

Has de chegar algum dia
A saber tanto como eu.

— Mas tu tens de me ensinar
A gimnástica sueca.
— Ensino. — ¿Antes de jantar?
— Sim. — ¿E tambem á boneca?

O ninho

— A todos. Mas á lição
Quando eu disser: — numero um!
Responde com prontidão
Porque não ha mais nenhum.

Como não quero cançar
A tua fraca memória
Vou ensinar-te a brincar.
— Conta-me então uma história.

— Vamos aos ninhos primeiro,
Depois te darei lição.
— ¿ Se nos vê o jardineiro?
— Faz queixa de nós. E então?

— Vae só. Não contes comigo.
Não farei essa maldade
Que merece ter castigo
Porque é contra a caridade.

— Pois fique a Dona Bondosa
Lamentando os passarinhos,
Toda sentida e chorosa.
Eu vou-me á caça dos ninhos.

O Tio Vicente

Á porta dum carvoeiro que havia na rua do Norte estava quási sempre um grande e bonito côrvo com um vistoso laço de fita ao pescoço. Os rapazes da vizinhança chamavam-lhe *O Tio Vicente* e afirmavam que êle tinha mais razão para habitar no *Limoeiro*, por gatuno, do que muitos dos infelizes que lá estão.

O Tio Vicente entrava em todas as lojas, conhecia todos, a todos festejava e todos o estimavam; mas ninguem podia resistir a chamar-lhe ladrão!

Berta, a engraçada filha do tendeiro que defrontava a carvoaria, era muito amiga do *Tio Vicente* e não levava á paciência que dessem tão feio nome ao seu amiguinho.

Assim que abria a janela, pela manhã, êle saltava logo para o parapeito, afagava-a com o bico e festejava-a por mil modos, até que a pequerrucha ia buscar um bocadinho de carne, que guardava do seu jantar, e lho dava, dizendo:

— Aí tens o teu rebuçado.

Comia-o á pressa e retirava-se.

Ela ficava de janela a vê-lo saltitar pela rua e, de repente, chamava:

— *Tio Vicente*!

O côrvo corria logo ao apêlo.

A amizade dos dois aumentava todos os dias.

O côrvo alimentava-se de tudo, mas nada chegava

O corvo

para êle á carne, mesmo que estivesse pôdre. Sabendo isto, Berta comprava ratos a um garôto da vizinhança para lhos dar.

Mas uma idea começou a incomodar o espírito de Berta: era ser tão amiga dum animal conhecido por *ladrão*. Parecia-lhe isto um desdoiro para o nome duma menina tão bem comportada.

Contava ao côrvo quanto fazia: se dera bem as lições, se se divertira nos passeios, etc.

Mas não recebia em troca confidência alguma. Festas, muitas festas e nada mais.

Um dia perguntou-lhe:

—¿E a tua história? Não ma contas?

Ele deu grandes pulos, festejando-a, e saltou para a rua.

A Bertazinha

O carvoeiro, que estava sentado á porta, perguntou-lhe:

—¿Tem muita vontade de saber a história do Vicente, Bertazinha?

—Se tenho! Sou tão amiga dêle!...

—Pois então eu lha conto: a gente da minha terra ganha a sua vida, principalmente, fabricando carvão de madeira, carvão de sôbro, como para aqui lhe chamam. De lá me vem todo aquele que aqui vendo. Um dia de março—faz neste dois anos,—

andava eu lá tratando dum negócio de carvão, quando, aproximando-me da fenda dum rochedo, encontrei um ninho de corvos.

— ¿Eles fazem ninho nas fendas dos rochedos?

— Fazem. E nas árvores tambem. São muito engraçados os seus ninhos, todos forrados de pêlos, penas e musgos. Mas, como ia dizendo, encontrei o ninho com tres ovos dentro...

— ¿Eles põem só três ovos? perguntou Berta.

— Põem de três a seis, mas não são como os das galinhas: são esverdinhados e têem manchas irregulares. Vi que eram três porque o macho que os estava chocando emquanto a fêmea tinha ido comer, levantou-se para lhe ceder o logar.

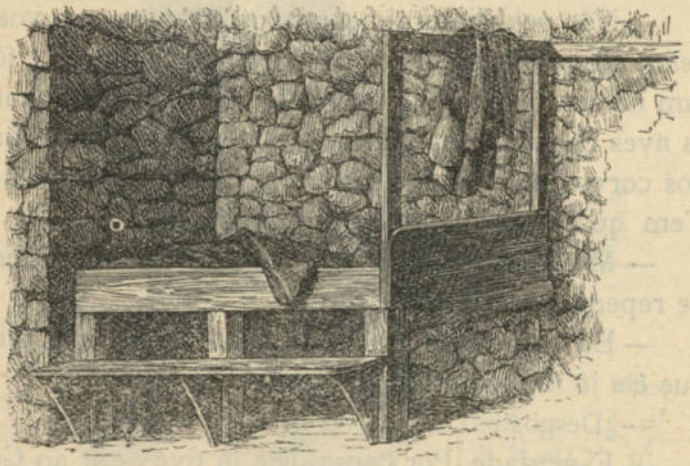
— Tem graça!

— Muita. Êles nascem nùs e comem pássaros, ovos, ratos, e tudo que os pais podem pilhar. Estes têem muito cuidado nos filhos e, quando se aproximam do ninho, é com a mesma prudência com que o avarento vai vêr o cofre do dinheiro que tem escondido. Chegam a aprender a voz de certos animais e até a pronunciar algumas palavras mais simples. Mas, como eu lhe ia contando, vi que o ninho não tardaria a ter habitantes pequenos. Afastei-me com cautela e dei-me a vigiá-lo com prudência igual á dos pais. Fiz projetos, e um dia, com o auxílio do meu irmão, consegui apanhar todos no ninho á excepção dos pais. Fiquei com um casal, que criei, e dei o terceiro a meu irmão. Esse pouco viveu. Ou por falta de

cuidados ou porque tinha de ser, um mês depois morreu.

—¿E como se chamava esse?

—Era o *Danado*. Chamaram-lhe assim porque dava conta de tudo com o bico. A fêmea do *Tio Vi-*



Um canto da carvoaria

cente era mais feia do que êle: não tinha, como nenhuma tem, o mesmo brilho na plumagem, mas era tambem muito mansa e inteligente. Roubaram-ma um dia aí na rua, não sei como, e nunca consegui saber quem ma levou. Chamava-se *Engrácia*, e dava cabo de tudo que, por fôrça ou por astúcia, lhe caía no bico. O *Tio Vicente* é sociavel. Não vôa porque lhe cortei as guias, mas defende-se contra gatos e cães e leva-os de vencida; mas, se a educação lhe fez per-

der alguma coisa dos seus instintos crueis, tem um vício de que não há meio de o curar.

— ¿Qual é?

— A ladroíce.

— ¿E os pais dêles? Que fizeram quando deram pela falta dos seus filhinhos?

— Não sei. Naturalmente entretiveram-se a voar pelas alturas, a crocitar chamando pelos outros e fôram na sua companhia caçar alguma lebre, emquanto as aves de rapina os não caçavam a êles. Este é um dos corvos mais lindos e maiores que eu tenho visto. Tem quasi tres palmos de comprimento.

— Meu pai teve um que nem meio palmo tinha: de repente parecia um melro.

— Eu sou muito amigo do *Tio Vicente*, mas olhe que êle já me tem dado desgostos...

— ¿Desgostos?

— É verdade. Por causa dêle já tive de ir ao Govêrno Civil.

— ¿Como foi isso?

— Vinha um freguês aqui ao vinho e trazia o dinheiro numa taleiga...

— ¿O que é taleiga?

— E' um saco pequeno. O homem entrava, sentava-se e pousava o saquito junto dêle. Um dia, em que entrou mais pela bebida, o *Tio Vicente* pegou no saco e escondeu-o. O freguês chamou-me ladrão, foi dar parte á polícia de que eu o tinha roubado e vieram prender-me. Mas o caixeiro, que é um bom rapaz,

O freguês chamou-me ladrão...

tanto procurou, que encontrou o saco e conseguiu provar, com o testemunho dos fregueses, que tinha sido

o côrvo, e não eu, o ladrão. Estive para o dar, mas, como o criei de pequenino, não tive ánimo.

Nisto, uma mulher chamou o carvoeiro, que correu a aviá-la.

Berta ficou na janela a cismar e por fim, limpando uma lágrima que lhe corria pela face, chamou;

— *Tio Vicente!*

O côrvo, aos saltos, abeirou-se do peitoril.

— Ouve lá, disse-lhe Berta: eu dou-te tudo que quizeres, mas has de prometer-me que não roubas mais nada a ninguem.

A mãe de Berta, que entrava naquele momento no quarto, desatou a rir.

— ¿De que ri, mãezinha?

— O côrvo não promete nada; mas, quando o fizesse, não saberia cumprir. É ladrão por instinto.

— Nesse caso não posso continuar a ser amiga dêle, nem a dar-lhe nada. Não devo fazer festas a um ladrão.

A mãe de Berta tornou-se séria, e disse-lhe:

— O sentimento que acabas de exprimir, e que julgas ser recto, é odioso e feio: nasce do orgulho e da vaidade. Nós todos, minha filha, somos sujeitos a errar; e, se os bons se afastarem dos maus, ¿quem tornará bons os maus?

Berta abaixou os olhos, corando.

A mãe beijou-a e disse-lhe:

— Isto não é ralhar: é dizer-te que a nossa consciência é o único juiz das nossas acções, e nunca a

opinião pública, quasi sempre inclinada ao mal, deve influir nela. Procura emendar o côrvo, faze-lhe o bem que puderes, sê sua amiga, mas não estimes o seu caracter. Se êle, em vez de ser um animal, fôsse uma pessoa, o teu bom exemplo talvez lhe desse o desejo de emenda.

— Tem razão, mãezinha. O côrvo não tem culpa de ser côrvo.

E, depois dum momento de silêncio, perguntou:

— Não está zangada comigo por eu ter pensado mal?

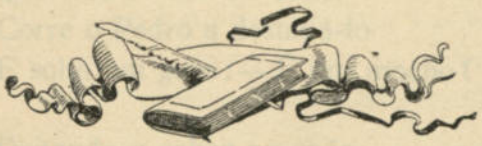
— Minha filha, se Deus perdôa a todos, Êle, que é a suprema perfeição, não podemos nós, sêres imperfeitos, ser mais severos. E o teu erro é muito pequeno. Paga-se — ¿sabes com quê? —

— ¿Com quê, mãezinha?

— Com um beijo.

— Então deixe-me dar-lhe mil.

E lançou-se ao pescôço da mãe, num movimento de irreprimivel ternura.



O MOCHO

Era uma vez um menino,
Que estava á mesa jantando
Sem mostrar ter grande tino,
Porque comia brincando.

Já o seu pai lhe ralhara,
Mas, como era malcriado,
Êle, a rir, continuara
Arreliando o criado.

Batem á porta. É um cesto
Que traz o filho do côxo.
Corre o Pedro a destapá-lo
E solta um grito: — É um mocho!

Deitando o cabaz no chão
Foge p'ra junto da mãe,
Que numa grande aflição
Indaga o que o filho tem.

—É um mocho muito feio,
Responde êle a muito custo.
—Que com certeza cá veiu
P'ra te meter este susto.

O filho do côxo

—A mim?—¿Não és o curioso
Maior que temos aqui?
Fôste ao cesto por guloso,
Deus castigou-te.—Senti.

Mas, verão, não torno mais
Ha de lembrar-me a lição.
Mas vou pedir-lhes, meus pais,
Não guardem tal figurão.

—Não te farei a vontade,
Porque ha por cá muitos ratos:
É de muita utilidade:
Caça mais do que seis gatos.

Sentir mêdo sem razão.

E depois, Pedro, é asneira
Sentir mêdo sem razão.
Proceder dessa maneira
Era não ter coração.

Muito longe do seu ninho
Não saberia voltar.
—Pobre mocho ¡coitadinho!...
Então, pai, deixe-o ficar.

A menina malcriada

Maria e Joana tinham voltado do colégio, e, de conversa com a pequena da caseira àcerca da boneca, esperavam sua prima Cecília, que tinha ficado de as visitar. Logo que chegou pediu-lhes para irem com ela dar uma volta na quinta.

Fôram. Mas, ao chegarem ao pomar, viram uma linda laranjeira, já carregada de frutos doirados emquanto todas as outras se conservavam verdes.

—¿Vamos ás laranjas? propôs avidamente Cecília.

— Oh! não, respondeu Maria. A mãezinha zangar-se-ia.

— A tua mãe sabe lá!

— Proíbiu-nos de lhe mexer, ajuntou Joana.

— Mais apetite fazem. Eu cá, quando me proíbem uma coisa, é logo quando a desejo fazer.

— Sim, mas tu, tornou-lhe rindo Joana, não és exemplo para ninguem.

—Então mais uma razão.

E, com um pulo ágil, saltou para cima da laran-

jeira e colheu um fruto. Mal o arrancára, avistou seus tios, que apareciam, a cavalo, ao fundo da rua, margi-

... de conversa com a pequena da caseira

nada por grandes árvores, e percebeu, pelo ar de desagrado dos seus rostos, que a tinham visto colher a

laranja. Sem se desorientar, nem descer da árvore em que estava empoleirada, disse ràpidamente ás primas:

— Diabo! Os tios viram tudo. Oiçam-me com muita atenção.

E, tomando um tom doutoral, continuou em voz alta:

Cecília

— A terra tem a forma dum globo ou duma bola, dizem os livros. Mas muito melhor diriam, se a comparassem a esta laranja, porque é um pouco achatada nos dois extremos opostos, que se chamam polos.

— Estás insuportavel com a tua sciência, observou-lhe Maria, que se sentia humilhada da prima lhe estar ensinando uma coisa que ela não sabia.

— Salta daí, anda, pediu Joana.

Cecília, sem descer da árvore, continuou:

— Porém esta que apanhei não obedece á regra geral: do lado do pedúnculo é um pouco convexa...

— Desce, anda, insistiu Maria.

— Parva! exclamou Cecília com desdem. ¿Não percebêste ainda que eu o que quero é justificar-me de ser apanhada com a laranja na mão?

E como os tios chegassem ao alcance da voz e lhe gritassem:

— ¿Que fôste fazer para cima da árvore?

Cecília volveu prontamente:

— Explicava ás primas a forma da terra e, ao chegar á zona tórrida, senti um tal calor que precisei de me refrescar.

E começou a comer a laranja. Atirando uma a cada prima, concluiu:

— Vocês façam o mesmo para digerir a lição.

E continuou a comer àvidamente. Os tios desataram a rir e a tia fez sinal ás filhas, que a olhavam interrogadoramente, de que podiam comer. Cecília, saltando num pé e noutro, disse, rindo, ás primas:

— Vocês fazem bem em não tirar as laranjas. Eu sempre apanhei um susto!

— Ninguem havia de dizer! comentou Maria.

— Valeu-te a forma da terra, disse, rindo, o tio.

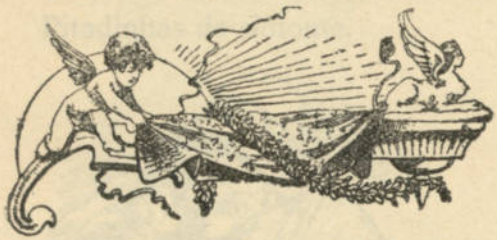
— Se não fôsse isso...

E a tia concluiu a frase por um gesto ameaçador.

— Estudemos geografia depressa, meninas. Se eu

tivesse de ir mais longe, como sou preguiçosa, não poderia saír da dificuldade. Ainda que a geografia não tenha outra utilidade, pode servir para comermos laranjas impunemente.

— Cuidado! volveu o tio. E' bom lembrar-lhes o provérbio: — *Uma vez leva-a o gato...*



D. JUANITA

Juanita, a linda macaca
Da vizinha ali defronte,
Tira da caixa da dona
Pitadinhas de simonte.

A dona da *Juanita*

E leva o lenço ao nariz
Com modo tão engraçado,
Que todos julgam que aquilo
Lhe foi, decerto, ensinado.

Nas pequeninas orelhas
Sustem óculos doirados:
Traz meias-luvas nas mãos,
Nos pés sapatos calçados:

Põe na cabeça um chapeu
Com grandes laços de fita:
Não ha, em parte nenhuma,
Macaquinha mais bonita.

Mas ontem, quando a criada
Lhe foi servir o jantar,
Deu-lhe uma tal bofetada,
Que a pobre pôs-se a chorar.

Fôra o caso que a criada
A convidou a cheirar
Caixa que, em vez de rapé,
Tinha um pó que faz 'spirrar.

Dona *Juanita*, assustada,
Coçou o nariz... guinchou...
E, como era reservada,
Vingar-se dela jurou.

Pergunta a ama á criada:
— ¿O que foi que ela te fez?
Rosa contou a verdade
— Deu-te uma? mer'cias três.

Chegou a caixa á macaca:
Pediu-lhe para tirar.
Juanita, desconfiada,
Deu-lha primeiro a cheirar.

Depois sorveu a pitada,
Limpou com geito o nariz,
E olhou a gaiata Rosa
Tendo o ar de quem lhe diz:

— Já te não dou confiança.
Não te posso acreditar.
Com mulher tão malcriada
Nunca mais torno a brincar.

A história do prior

— Bem digo eu que o nosso prior já não aparece hoje... São três horas!

— Pois eu digo que vem.

— Prouvera a Deus que te não enganasses... Um bocado de palestra faz falta: a alegria da mocidade faz bem á velhice.

— Olha que êle vai nos sessenta: para mocinho já está maduro.

— Não digo menos disso, mas tudo é relativo... Que idade temos nós?

— Eu te digo... tu fazes oitenta e cinco pelas castanhas, e eu tenho mais sete...

— ¿Já tens 92?

— Pois! Estou aqui, estou com um século.

— E' por isso que o nosso prior gosta de te puxar pela língua... Tens visto tanto!

— Se tenho! Vi o imperador desembarcar no Mindelo, assisti ás lutas dos dois irmãos...

— Olha, olha, lá vem o nosso prior, exclamou a tia Vicência.

O pobre velho levantou-se amparado ao seu ca-

Bons velhos

jado e foi ao encontro do recem-vindo, arrastando dificilmente as pernas trôpegas. A velha tia Vicência

imitou-o. Pouco depois vieram os três sentar-se de novo á porta da mísera habitação, no poial que se estendia sob a parreira verdejante.

— Nós já estávamos desconsolados, censurou a tia Vicência.

O marido lançou-lhe um olhar de reprovação.

— Não me foi possivel vir mais cêdo. Vou-lhes contar porquê.

E, passando o lenço pela testa alagada em suor, o bom prior começou assim:

— Eu saía para aqui depois do meu jantar, como de costume; mas, ao chegar ao muro que circunda a horta do Luís do Canto, vi no chão um estranho embrulho. Aproximei-me e fiquei surpreendido vendo uma linda criancinha, que tinha um papel pregado no pano que a envolvia, no qual se lia:

«Pede-se á primeira pessoa, que aqui passar, que tome conta dêste anjinho, por caridade».

— Puseram-lha no caminho de propósito, comentou a tia Vicência.

— Propósito ou acaso, eu não podia deixá-la ali, tão pequenina e só. Fui levá-la a minha irmã, que rabujou um pouco, mas lá se ficou agasalhando o anjinho.

— ¿E que faz agora dêle o senhor prior?

— Nem eu sei... Demais a mais é uma menina.

— ¿E que idade tem?

— Apenas dias.

— Foi Deus que lha enviou, senhor prior. Será o amparo da sua velhice.

— Deus o oiça, tio Braz! E daí... quem sabe? Há bons vinte anos foi bater á porta da *Eira de Calvos* um pequenito de três ou quatro anos que disse ter sido mandado para ali pelo pai. Procuraram êste, mas não o acharam e, tendo dó da criança, os de Calvos, que não tinham filhos, ficaram com ela. Mau pago lhes deu. Logo que se apanhou homem e instruido, partiu para o Brasil sem nem ao menos lhes dizer adeus. E por lá ficou. Foi um grande desgosto para aquela família que lhe queria do coração.

— Ingrato! exclamou a tia Vicência indignada.

— E' do que o mundo está cheio, disse, decidido, o velho.

— Portanto, terminou o padre sorvendo uma pitada, ninguem espere gratidão ou recompensa do bem que faz. Não é pensando na utilidade, que se pode tirar das coisas, que as devemos fazer. A grande, a maior paga, é a satisfação moral da nossa consciência: essa não ha ingratidão que a possa impedir. Quem é digno aos próprios olhos nada tem a desejar: é eleito de Deus, do Deus de imensa piedade, que manda fazer o bem sem olhar a quem.

— E, procedendo assim, ninguem tem de que se arrepender, afirmou a tia Vicência.

— Tambem digo, apoiou o Braz.

Conversaram muito tempo àcerca do futuro da

— Deus o oiça, tio Braz!

sua pequenina. Discutiram o nome que lhe deviam pôr, e combinou-se que se chamaria Maria Achada. E, daí em diante, todas as tardes se faziam planos novos dum futuro risonho para a linda Maria Achada, de quem foi madrinha Nossa Senhora e padrinho o tio Braz, que, apezar de viver numa mísera cabana, tinha um bom pé de meia e umas terrazitas, que testou á afilhada. O prior agora demorava-se mais: o futuro da Maria Achada era um sonho cheio de interesse de que a custo os três se despegavam. Braz queria acompanhar o padre ao povoado, mas êle, vendo quanto o andar era dificil para o velho, ameaçava-o á despedida.

— Se vem, não volto ámanhã.

E docil como uma criança a quem metem mêdo com a perda da sobremesa, o tio Braz ficava sentado a vêr desaparecer o padre ao longe, no fundo da estrada.

O DENTISTA

José, sentado no chão,
Disse á irmã, muito contente:
— Empresta-me essa boneca
Para lhe tirar um dente.

E' preciso que ella aprenda
Tambem a poder sofrer.
Rir e cantar é melhor;
Mas é bom tudo saber.

E com ar de muita pompa,
Num alicate pegando,
Arranca a bôca á boneca,
O que a irmã vê chorando.

Satisfeito com tal obra,
Diz José, vendo-a gritar:
— E' justo, mulher, é justo,
Mas vou-lhe a filha curar.

Nini e a sua bonc ca

Tirando do bolso um lenço,
Atou á boneca o rosto
Emquanto Nini soluça
No auge do seu desgosto.

A mãe, que tinha saído,
Acabava de chegar
Quando ouviu, subindo a escada,
Nini estar a soluçar.

Correu logo muito aflita
E, vendo o que tinha sido,
Quiz castigar o dentista,
Mas já se tinha evadido.

Nesse dia, á sobremesa,
José está vendo comer
Emquanto Nini murmura:
— Eu cómo e ficas a vêr!...

Então a mãe, intervindo,
Diz a Nini com pesar:
— Gozáste co'o mal alheio,
Não podes continuar.

Dá ao gato o teu pudim.
Podem-se ambos levantar.
Quem pratica o que não deve
Tem por fôrça de o pagar.

Orgulho de português

Os espanhóis, quando querem dizer que alguem é muito orgulhoso, costumam demonstrá-lo por esta frase: *é orgulhoso como um português.* Nós usamos dizer: *tem a bazófia dum espanhol;* e, quando alguem se gaba de cousas, que exagera ou não fez, dizemos: *ih! que espanholada!*

E' forçoso confessar: êles têem de nós melhor opinião do que nós dêles.

Uma vez viajavam num comboio um português e um espanhol. Querendo o primeiro provar que a sua família era muito antiga, contou que conservava em sua casa um retrato de Cristo que o mesmo Senhor dera na Palestina a um seu ascendente. Era uma maravilha, decerto devida a um milagre divino, porque até mesmo em nossos dias não havia tela de mais mimosas côres. E, concordando todos os pintores célebres que era um trabalho notabilissimo, não lhe podiam atribuir um autor por mais vontade que tivessem.

A maneira como estava pintada diferia de todas as conhecidas ficando-lhes sempre superior.

Então o espanhol quiz provar-lhe que tinha um objecto mais precioso e não menos antigo, e disse-lhe:

— Eu tenho na minha casa de *Madrid* uma imagem do Senhor Crucificado tão antiga que S. José,

... Viajavam num comboio...

vendo-a quando Jesus nasceu, tomou-a por um preságio.

E, no tom de quem fornece uma informação menos importante, ajuntou:

— Foi uma avó minha que lha mostrou.

Pelas duas anedotas que acabo de escrever pode notar-se que, quanto a parlapatice, não estamos muito longe dos espanhóis embora êles tenham a supremacia. Agora, em orgulho, creio que lhes levamos a palma.

O que daria origem á frase espanhola: *orgulhoso como um português?*

E' muito possivel que fôsse o seguinte facto histórico:

Quando o rei de Castela D. João I casou com a infanta D. Beatriz, filha de D. Fernando, *o formoso*, e

Nuno A'lvares Pereira

de D. Leonor Teles, deu um grande jantar a que assistiram muitos fidalgos de Portugal e de Castela.

Entre várias mesas destacavam-se as três principais: a do meio, que era a do rei, estava atravessada e mais alta do que as outras, e as que a ladeavam que eram destinadas ás pessôas principais. A uma delas devia sentar-se D. Nuno A'lvares Pereira e seu irmão Fernão. Quando todos se dirigiram para a mesa, êles, naturalmente corteses, não se apressaram e, quando

quiseram tomar logar, já o não encontraram nem lho fizeram, apesar de serem muito conhecidos e estarem em trajo de côrte e gala. E os espanhóis riram muito de os vêrem ficar sem lugar.

Então Nuno A'lvares, irritado pela grossaria com que se via tratado, disse ao irmão:

— Não é para nós honra demasiada estar aqui. Parece-me que nos devemos ir embora; mas primeiro temos de rir de quem se ri de nós.

E vagarosamente dirigiu-se para a cabeceira da mesa, o que o rei viu muito bem do sítio em que estava sentado, e com os joelhos partiu o pé da mesa pregando com ela no chão. Os que a rodeavam ficaram espantados, e êle, com seu irmão, saíu da sala tão socegado como se nada tivesse feito.

O rei informou-se do caso e, tendo-lhe sido contada a verdade, respondeu:

— Sei que se vingaram bem. E, se a tanto se atreveram neste lugar, para pagar a ofensa recebida, para muito mais terão valor os seus corações.

Se fôssem castelhanos talvez tivessem sido castigados; mas como eram portuguêses que iam no séquito da rainha, D. João de Castela não falou mais em tal. Porêm as crónicas trouxeram até aos nossos dias este curioso exemplo de orgulho dum dos mais nobres portuguêses que têem existido. Teria tido origem neste episódio a frase *orgulhoso como um português?*

E' possivel, mas não está provado.

O REI DO DESERTO

Andava o rei do deserto
No seu domínio rugindo
Por saber que um caçador
O andava perseguindo.

Entre altivo e majestoso,
Soberbo, mas sem vaidade,
Pensava o grande senhor
Que não ha leis de igualdade

Pois da caverna em que habita,
Quando ergue a estrondosa voz,
Faz tremer a selva inteira
De que é o sêr mais feroz.

Ha pouco um vil europeu,
Em negro corcel montado,
Levou-lhe todos os filhos
Depois de a mãe ter matado.

Salta sobre o cavaleiro

— Diz-se o rei dos animais,
Quer ser rival do leão!...
Pensa o rei da juba negra:
Qual tem pior coração?

O crú, que me mata a fêmea,
Que deu meus filhos á morte,
Que, se me não mata a mim
E' porque eu sou o mais forte.

Pôs-se á espreita, vingativo,
Na fúria de se pagar.
O corcel, que já vem perto,
Rincha e não quer avançar.

Então o féro animal,
No auge da indignação,
Ergue a voz que, na caverna,
Ribomba como um trovão.

Salta sobre o cavaleiro,
Rebola com êle ao chão.
Sente o homem que é pequeno
Entre as garras do leão.

E emquanto o cavalo, ao longe,
Foge em veloz galopar,
Grita, morrendo, o cristão
Na febre de se julgar:

— Matei-lhe os filhos, é justo
Que me tire o coração...
.....
Sobre as carnes palpitantes
Descansa enfim o leão.

A felicidade de Rosa

Andava um dia uma linda menina brincando numa praia portuguêsa. Tinha-se afastado de casa de seus pais e, com um cestinho no braço, fitava cuidadosamente as areias, baixando-se aqui e ali para apanhar conchas, búzios e pedras bonitas. Ia tão contente e distraída, cantando uma canção que sua avó lhe ensinara, que não reparou que já estava muito longe da casa paterna. Um rijo temporal arrojara á praia mil encantadoras cousas que o rico mar encerra e, como as asperezas do tempo tinham impedido que os habitantes daquela parte da costa saíssem á praia, Rosa, (assim se chamava a menina) radiante com os seus achados, ia sempre andando e distanciando-se cada vez mais.

O cesto já estava cheio e o avental também. Pensou que era tempo de voltar, mas, olhando para o seu lado esquerdo, viu uma cousa escura e muito grande que arfava ruidosamente.

Rosinha

— E' o casco dum navio que deu á costa, pensou.

E aproximou-se curiosa. Mas não tinha dado mais de seis passos quando retrocedeu horrorisada, deixando caír involuntariamente o cesto e quanto levava no avental, e deitou a correr com a possivel rapidez.

Nos sítios onde as areias se conservavam úmidas correu facilmente, mas dentro em pouco os pés enterravam-se-lhe na areia e tinha de parar continuamente para criar alento. Duas vezes caíu no chão sem fôrças e, levantando-se, deitou de novo a correr. Chegou finalmente a casa. Empurrou a porta com violência e foi lançar-se nos braços de sua mãe que afastou cuidadosa as agulhas da meia em que estava trabalhando para a pequena se não ferir, repreendendo-a brandamente pela sua falta de cuidado.

— ¿Então isso faz-se, Rosa? Estás louca? Não vês que podias cegar-te com as agulhas da minha meia?

Rosa, que chegara em silêncio aos braços de sua mãe, desatou a chorar.

— ¿Que é isso? perguntou o pai entrando.

Tomé, pai de Rosa, era um homem dos seus quarenta e cinco anos, crestado pelo sol e pelo ar do mar. Vestia calça azul, camisola de malha e trazia o cachimbo ao canto da bôca, entretendo-se a aparar cuidadosamente com a navalha um pedaço de madeira.

— ¿Que tens tu? tornou êle. Não ouviste o que te perguntei?

Então, com a voz entrecortada, Rosa contou que lá em baixo, muito longe, num sítio onde tinha ido

apanhar conchinhas, estava um navio que respirava e tinha uma cabeça muito grande.

— Vamos lá vêr isso, disse o pai, atirando o bocado de madeira para cima da mesa, fechando a navalha e metendo-a no bolso.

— Não posso, meu pai, tenho mêdo e estou sem fôrças para dar um passo.

— Eu levo-te ao colo.

— Tambêm vou, disse a mãe, arrumando a meia.

E puseram-se os três a caminho, não sem que o pai de Rosa tivesse passado uma espingarda a tiracolo. Rosa, agarrada ao pescoço do pai, ia dizendo.

— Por aqui. E' mais longe, muito mais longe.

— Devia ralhar-te por te teres afastado assim de casa; mas o susto que apanhaste ha de sêr-te proveitoso; por isso não digo nada.

— Que cara! disse a mãe compadecida: pareces feita de cêra.

— E' que sempre tive um mêdo! Um navio que respira e tem cabeça! E eu estava tão contente! Tinha apanhado conchinhas tão bonitas!

— ¿E que lhes fizéste?

— Deixei-as caír no chão, assim como o cestinho.

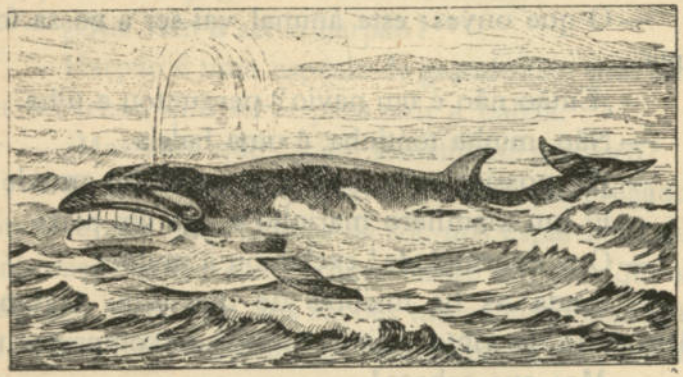
Intrigados e curiosos, os pais iam andando e aventando hipóteses várias.

O bom Tomé não podia ir tão depressa como desejava porque a filha já pesava bastante. Tinha porêm nos lábios um sorriso que nem Rosa nem a mãe

percebiam, cheias de receio por um caso que lhes parecia sobrenatural.

Dir-se ia que Tomé tinha a suspeita dum encontro agradavel, mas que a não queria comunicar.

De repente Rosa agarrou-se mais ao pai e disse-lhe quasi ao ouvido:



A baleia no alto mar

— Já estamos muito perto... é ali... ao voltar daquele rochêdo.

Andaram o caminho em silêncio e, quando atingiram o ponto indicado, Tomé soltou um grito de alegria:

— Ai, filha! que descobriste a nossa fortuna!...

A pequena e a mulher olhavam-no espantadas sem perceber o que aquela intempestiva alegria queria dizer.

— E' uma baleia... talvez arrojada á praia pelo

temporal. Agora já não respira. Isto vae ser a nossa fortuna, mulher. Não tornaremos a ser pobres. Com o dinheiro que isto nos vai render, Maria, faço-te a vontade: ponho uma tenda e não me meterei mais em negócios, nem tornarei a embarcar.

— O quê? que me dizes tu? exclamou a mulher juntando as mãos num gesto de suprema satisfação.

— O que ouves: este animal vai ser a nossa fortuna.

— ¿Então não é um navio? perguntou a filha.

— Não, minha tontinha, é uma baleia.

— ¿E' possivel que haja um peixe tão grande?!

— E' um mamífero marinho e não um peixe.

— Que enormidade! exclamou a mulher.

— Ainda as ha maiores do que esta. Algumas têem perto de vinte e cinco metros de comprimento.

— Mas que cabeça!

— E que dentes tão feios!

— Aquilo não são dentes, respondeu Tomé.

— Então que são? perguntou a mulher.

— São barbas. Formam uma espécie de rêde fina por onde se escôa a água depois de terem fechado a enorme bôca para engulirem uma porção de peixes.

— Vivos!

— Vivos, sim.

— Ai! que horror, meu paizinho! ainda bem que não sou peixe.

— Que corpo!

— Parece um enorme fuso.

— E' por isso que os livros dizem que elas têem o corpo *fusiforme*,

— Eu digo, insistiu Rosa, que me parece um casco dum navio.

— ¿Como viria ela aqui parar?

— Naturalmente, veiu, depois de ferida pelo harpão, já sem fôrças, ao sabôr da corrente.

— ¿Que vem a ser o harpão?

— Harpão é uma espécie de grande seta com longas rebarbas, que serve para ferir a baleia.

— ¿Mas para que caçam semelhante monstro?

— E' muito util: as suas barbas são empregadas como varetas nos chapeus de sol, nos espartilhos das senhoras, etc. Da sua gordura faz-se um óleo que se emprega no fabrico dos sabões moles, na preparação de couros e até em pinturas, embora tenha mau cheiro. Dizem que os habitantes das regiões onde ha baleias, lhes comem a carne, bebem o oleo e aproveitam os ossos para barcos e várias construções.

— ¿Como sabe o pai tanta cousa? perguntou Rosa muito admirada.

— Aprendi no primeiro ano do liceu e, apesar de não ter continuado os estudos, não esqueci o que aprendi. Tive sempre muito gosto pela zoologia.

— O que é a zoologia? perguntou a mulher que, até então, andara em volta da baleia admirando-a em silêncio.

— E' o estudo dos animais. Mas vamos embora.

Preciso consultar com o teu pai e vêr como havemos de aproveitar êste achado.

Regressaram a casa, mas não sem que primeiro

O avô de Rosa

Rosa tivesse apanhado o seu cesto e o precioso conteúdo do seu avental.

O sogro de Tomé, já inquieto por aquela ausência tão fóra do vulgar, esperava-os passeando em frente da porta. Mal os avistou gritou-lhes com modo desabrido:

— Então que história é esta? Vocês sáem e não previnem ninguêm? Está aqui uma pessôa em cuidado...

A mãe de Rosa, que era uma filha muito carinhosa e respeitadora, apressou-se a pedir-lhe desculpa:

— Não tivemos intenção de o afligir, meu pai. Foi um acontecimento inesperado... Tomé que lho conte emquanto eu vou preparar a ceia, se me dá licença.

— Vae, vae, que já não é sem tempo. Estou morto de fome!

Tinha escurecido.

Tomé acendeu o candieiro e, sentando-se em frente do sogro, com Rosa nos joelhos, começou a contar-lhe, cheio de entusiasmo, como soubera que na praia estava uma baleia.

Rosa separava as conchinhas sobre a mesa, e sua mãe preparava a última refeição do dia.

O velho, fumando tambêm o seu cachimbo, ouvia a história do genro com um sorriso escarninho nos lábios. Quando êle acabou de lhe contar os seus projectos de fortuna com a imaginária venda da baleia, exclamou:

— Então tu julgas que por ela ter dado á nossa costa não tem dono?

— Está visto.

— Pois enganas-te. Pertence ao baleeiro que a harpoou. No harpão devem estar gravadas as armas da nação a que êle pertence e o nome do navio que se emprega nesta arriscada caça.

— E eu que já estava pensando em me estabelecer!...

— Pois não! Era melhor. No entanto — quem sabe? — se tu fôres o primeiro a dar a notícia no consulado, é provavel que te dêem alguma gratificação. Péga daí numa lanterna e vamos lá vêr, emquanto a Maria apronta a ceia.

Fôram. E, como o velho dizia, encontraram, com pasmo e pena de Tomé que êle tinha gravadas as armas da Dinamarca.

— Ora adeus! dizia Tomé descoroçoado. Empreguei bem o meu tempo.

Mas o sogro tanto teimou com êle e o aconselhou, que, metendo-se no comboio, que passa a uma légua e meia do povoado, chegou a Lisboa sobre a madrugada. Andou fazendo horas e, mal abriu o consulado, sentou-se á porta esperando a chegada do consul. Fartou-se de esperar. Era quasi meio dia quando êle chegou. Disse-lhe que trazia uma notícia bôa. E com tão ingénua naturalidade contou a grande alegria que tinha tido e a esperança que sentira de deixar de embarcar para se não separar da família, que o consul escutou-o com interesse e, depois de ter mandado verificar a verdade da notícia, não só lhe deu a gratificação que o sogro lhe anunciára, como o empregou no consulado, estipulando-lhe um bom ordenado.

A família veiu toda viver para Lisboa onde Rosa anda no colégio e tem muitas amigas.

Quando ela conta que deve a sua felicidade e a de seus pais a uma baleia, todos ficam muito pasmados e não acreditam. Contudo não ha nada mais verdadeiro.

VINGANÇA DE TOMIRIS

(LENDA ANTIGA)

Tomiris, forte e prudente,
Dos Massagétas rainha
Não quiz casar co'o rei Medo
A quem sua mão convinha.

O grande Ciro, enraivado,
Pelas terras dela entrou
Seguindo um ardil que Créso
Préviamente lhe traçou.

Nêle, o filho da rainha
Ficou do rei prisioneiro:
Pediu que as mãos lhe soltassem
E pôs fim ao cativeiro.

Antes porêm, sua mãe
Fez dizer ao cruel rei:
— Se me não dás o meu filho
De sangue te fartarei.

Ciro sorriu da ameaça
E mais feroz combateu.
Morreram persas e medos
E o próprio Ciro morreu.

Então a triste rainha,
Que sobretudo era mãe,
Quiz vingar-se e que a vingança
Passasse da morte alêm.

Mandou buscar o cadaver
E, depois de o maltratar,
Fez encher de sangue humano
Um ôdre até transbordar.

Mergulhou nêle a cabeça
Do seu pior inimigo,
Dizendo: Farta-te em sangue!
Eu cumpro sempre o que digo.

O SONHO DE NINI

Nini dormia no seu leitozinho de pau rosa. Um sorriso alegre brincava-lhe nos labios, rubros como a flôr de romã, e a sua mãozita pequena agitava-se no ar num gesto de gracioso *adeus*.

Vamos explicar êste gesto e aquele gentil sorriso, tão aberto que parecia quasi riso franco.

Ela ia andando por um pinhal muito cerrado, numa noite invernosa. O vento, agitando o cimo dos pinheiros, fazia vergar os troncos gemendo, e a caruma, desprendida das árvores esguias, redemoinhava no ar.

Quanto mais se internava no pinhal, mais o frio era intenso e mais forte a tormenta. O seu corpo, fraco e pequenino, cingia-se aos troncos dos pinheiros, que ia abraçando para resistir á fúria do vento que cada vez assobiava com mais fôrça.

Um nevoeiro, ténue primeiro e depois denso, tornou-lhe o caminho impraticavel. Então sentou-se no chão e desatou a chorar junto duma cruz de madeira

que memorava um desses crimes de morte que fazem tão grande impressão nos povos simples e bons, e se contam de pais a filhos; os seus gemidos e soluços casavam-se com o scenário desolado.

O tronco dum pinheiro que o vento quebrava a

Nini sonhando...

pouca distância, fê-la estremecer de terror e exclamar num tom aflitivo:

— Ai! se a terra se abrisse e me escondesse!

Então apareceu de repente junto dela uma linda mulher, coberta de alvas roupagens e rosto resplandecente, que lhe estendeu os braços e a ameigou, logo que a pequenita, num movimento impulsivo, se lhe lançou ao pescoço.

— Eu sou a *Fada dos bosques*, disse-lhe ela sorrindo. Sou uma das mais amimadas filhas da terra porque zélo todas as árvores que a sombreiam, e, como pediste a minha mãe que se abrisse e te abrigasse em seu seio, ela enviou-me em teu socôrro, reconhecida de que, na tua aflição, te lembrasses dela. Tão pouco habituadá está a que seus filhos se lhe dirijam a não ser para a explorar! Tu chamaste-a sinceramente na tua dôr, invocaste a sua protecção com fé. Aqui me tens para te guiar, minha filha. Dá-me a tua mão e verás como tudo a teus olhos se transforma

A pequenina estendeu a mão á fada e imediatamente a lua surgiu no horizonte, iluminando o pinhal e espelhando no chão as fantásticas sombras das árvores. O rouxinol cantou primorosamente numa balsa vizinha e o vento cedeu o passo a uma brisa suave e lisonjeira. O carreiro que cortava o pinhal parecia feito de luz, e o perfume das flôres campestres, desabrochadas como por encanto, inundava os montes.

Caminhou assim por muito tempo; mas era-lhe isso tão agradavel, que lhe parecia que poderia andar toda a vida sem se cansar.

Finalmente, ao romper do dia, alcançaram a estrada rial. Então a linda mulher, que durante todo o caminho lhe sorria, mas sempre silenciosa, falou assim:

— Aqui tens a estrada rial. O sol já vem surgindo alêm e em breve inundará a planície. Nunca com a

idea de chegares mais depressa ao lugar a que desejas ir, tomes por atalhos; nem troques a luz pela sombra. Minha mãe, em vez de dar varinhas de condão, como fazem todas as outras fadas, faz mais e melhor: nunca perde de vista aqueles a quem se afeiçôa e dá-

... numa noite invernosa

lhes conselhos que ela tem o privilégio de não deixar esquecer. A ti mandou-me dizer-te:

«Se queres sêr feliz sobre a terra, ama os outros como te amas a ti, e não lhes faças o que para ti não desejas. A felicidade não consiste senão na alegria de viver e na paz da própria consciência. Estas duas cousas são verdadeiramente necessárias para se viver

satisfeito. Nunca, por vêres que os outros tiraram um resultado vantajoso duma má ação, os imites. Porque tudo que vem do mal não aproveita, e tarde ou cêdo a conseqüência dum acto mau que se pratica, é o castigo de quem o cometeu. Sê bôa para todos, respeita os teus superiores e cumpre os teus deveres. A vida não é uma festa, como a maioria dos homens parece julgar: é uma provação que devemos levar com paciência para tirarmos dela os benefícios que merecemos segundo as nossas qualidades morais. Adeus. Não esqueças que tens na *Fada dos bosques* uma bôa e sincera amiga.

Nini abria grandes olhos sem querer perder uma única palavra do discurso da linda criatura. A fada pronunciando as últimas palavras, soltou-lhe a mão e Nini viu com espanto que ela se elévava lentamente no ar e se esvaía pouco a pouco até se fundir completamente na nuvem que lhe servia de pedestal.

Nini, seguindo o seu caminho, meditava:

—¿Que queria a fada dizer? Não serei eu bastante bôa?

Nisto, junto dela uma voz gritou.

—¿Então, sua mandriona, ainda não acha horas de almoçar?

Acordou sobresaltada.

—¿Porque estavas tu quasi a rir? perguntou-lhe a mãe.

—É que sonhei com a *Fada dos bosques*, respondeu Nini.

— Não existem fadas, minha tonta! retorquiu-lhe a mãe.

— Então oiça.

E contou-lhe o sonho que tivera, acabando por perguntar:

—¿Que queria ela dizer com isto, mãezinha?

— Queria dizer: primeiro, que nunca, para obter uma cousa mais depressa, faças qualquer acto menos bom. Não é nunca por maus caminhos que se chega ao bem. E que não são os homens que se devem imitar, porque raras vezes o seu exemplo é bom, mas Jesus.

E a mãe, ajudando Nini a vestir-se, concluiu:

— Escreve o teu sonho, minha filha. É o melhor meio de o não esqueceres. Tenho esperança de que, se te compenetrares bem da sua significação, serás feliz sobre a terra.

E depois dum momento de silêncio, perguntou-lhe:

—¿Olha... a Fada era bonita?

— Muito! Parecia mesmo uma mãe!

E ambas se abraçaram, rindo da comparação.

O CASTIGO DE NEPTUNO

Subamos para um navio.
Soltemos velas nos ares.
Vamos conhecer os deuses
Que reinam sobre esses mares.

Neptuno teve em partilha
O grande império das águas.
Não gostou, fez zangar Júpiter
Que lhe causou muitas máguas.

Tirou-lhe o scetro, exilou-o
E pô-lo em tal vexação
Que, disfarçado em pedreiro,
Intentou ganhar o pão.

Procurou o rei de Troia,
Foi-lhe trabalho pedir
Nas muralhas que êle andava
Na cidade a construir.

O rei, supondo-o pedreiro,
Seus serviços aceitou.
Mas, ao findar o trabalho,
Não quiz dar-lhe o que ajustou.

. . . O grande imperio das águas

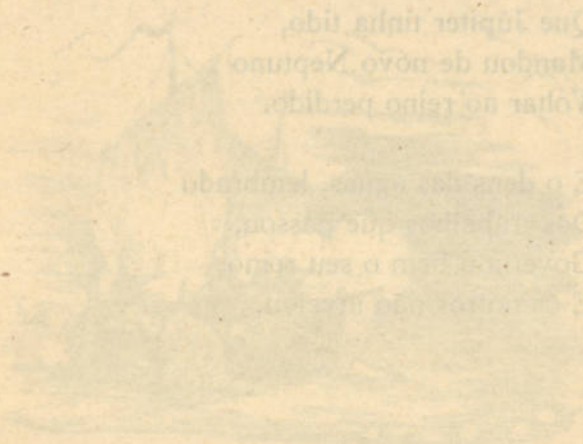
Então Neptuno, indignado,
Fez com que um monstro marinho
Deitasse abaixo as muralhas
Que elevara com carinho.

Por conselho dum oráculo
Mandou a filha entregar
Ás fúrias do monstro horrendo,
No intento de o amansar.

Hércules era um *semi-deus*
Que a princesa foi salvar.
(Semi-deus era um daqueles
Que na história hão de ficar).

Aplacada a grande cólera,
Que Júpiter tinha tido,
Mandou de novo Neptuno
Voltar ao reino perdido.

E o deus das águas, lembrado
Dos trabalhos que passou,
Governou bem o seu reino
E os outros não invejou.



O PRESENTE DE SUSANA

E' o dia dos anos de Susana e todas as suas amiguinhas se apressam a ir visitá-la e a levar-lhe presentes.

A mãe deu-lhe uma grande boneca, o pai uma mobilia e a tia Leonor, tendo percebido que ela preferia os jogos a qualquer outra brincadeira, deu-lhe um novo jôgo, que ainda em Lisbôa estava pouco visto, chamado *Os principais rios de Portugal*. Fechadas numa grande caixa estavam várias peças de madeira. A maior representava o Oceano Atlântico: as outras, todos os nossos rios que ali vão desaguar.

As peças do jôgo sacudiam-se e baralhavam-se ao acaso dentro dum saco. Supunhâmos que um menino tirava o bocadinho de madeira que representava o rio *Minho*. Nas costas desse pedaço de madeira estava escrito:

«Vem de Espanha, separa a Galiza da província portuguesa do Minho, banha Melgaço, Valença, e Caminha. E' navegavel até Monsão.»

Devia dizer tudo isto muito depressa, sem se en-

ganar. Enganando-se, pagava prenda e assim corria a roda, mas sem haver berlinda. No fim de três voltas contava-se o que mais enganos tivesse tido e era-lhe

O presente de Paulo

entregue o pedaço grande. Devia então ler muito depressa, nas costas dêle, o curso de todos os rios que nêle fôssem desaguar e, sempre que se enganasse, o menino, que tinha o nome do rio, devia-o emendar e obrigá-lo a beijar-lhe a mão. Era um jôgo para dez pessôas que muito iria divertir Susana. Pelo menos ela assim o pensou.

Á tarde perguntou-lhe a mãe:

—¿De todos os presentes que tiveste, qual te agradou mais?

—¿Com verdade, verdade?

— Decerto, nem eu quero que me fales de outro modo.

— Dos rios de Portugal.

—¿Mais que da boneca?

— Muito mais. Depois de jantar vai a minha mãe vêr como eu me vou divertir.

Os primos de Susana eram cinco: por isso os mais velhos resolveram ficar com dois rios cada um.

Susana chocalhou o saco e estendeu-o a Rogério que tirou dois pedacinhos de madeira e disse com muita rapidez: Sou o *Lima*. Venho de Espanha, atravesso a província do Minho e passo por Ponte de Lima e Viana. Sou navegavel até Ponte da Barca.

— Quantos kilómetros tem de curso?

— 110.

— E' águia, não é urso.

Outro meteu a mão no saco. Foi o Paulo: saíu-lhe o *Cávado*.

— Eu sou o Cávado. Nasço na serra do Lourenço.

Uma gritaria medonha, acompanhada de imensas risadas, cobriu a voz do pequeno que, muito vermelho, indagava:

—¿Então não disse bem?

— Este é urso, não é águia, gritavam os outros com mais força.

— Não é serra do Lourenço. E' serra do Larouco.

E, para mostrar que sabia muito bem, a Virgínia continuou do lado:

— Corre junto de Montalegre e Barcelos, e entra no Atlântico formando porto em Esposende. E' navegavel durante 12 kilómetros.

— Qual é o teu curso?

— 100 kilómetros, respondeu Paulo a mêdo, apesar de estar vendo com muita atenção o que estava escrito nas costas do seu pedacito.

— Vá lá. E's águia, não és urso.

Era a vez de Susana. Metendo a mão no saquinho, tirou um pedaço de madeira e com uma rapidez espantosa, papagueou.

— Sou o *Douro*. Venho de Espanha, separo a Beira de Traz-os-Montes e Minho, banho S. João da Pesqueira, Peso da Regoa e Porto. Tenho cinco afluentes e deixo-me navegar no espaço de 165 kilómetros.

— Tens grande curso?

— 640 kilómetros.

— E's águia, não és urso.

E assim correram o jôgo todo, chamando ursos aos que se enganavam e águias aos que diziam bem. Escusado é dizer que foi Paulo que teve o Oceano Atlântico.

Então as tolices dele amontoaram-se umas sobre as outras e as gargalhadas recrudesceram.

Quando acabasse de dizer todos os rios que nêle iam desaguar, tinha de fugir e alcançar o couto sem

que nenhum dos rios o apanhasse. Se o conseguisse continuava sendo o Atlântico; se perdesse, passava a ser o *Mira*.

Acharam tanta graça a este jôgo os primos de

Susana e o primo Paulo

Susana que tomaram nota dos nomes dos rios, escrevendo num papelinho: Tejo, Guadiana, Douro, Mondego, Sado, Vouga, Lima, Cávado e Mira, e por traz de cada nome os correspondentes dizeres para estudarem em casa e jogarem melhor para a outra vez.

O pequeno Paulo, quando se despediu de todos e regressou a casa, ia triste e acabrunhado. O pai julgou que era sono, mas, ao passar a carruagem

por um bico de gaz, viu que o filho estava muito esperto e que uma lágrima lhe brilhava nos olhos.

—¿Que tens tu, Paulo?

—A prima Susana tem lá um jôgo, chamado *Os principais rios de Portugal*, e eu fui o único menino incapaz de o jogar bem. Não só fiquei Oceano Atlântico, como me chamaram no resto da noite o *Mira* e urso.

E explicou ao pai como era o jôgo.

—Se tu estudasses e não fosses tão preguiçoso, terias feito melhor figura; mas não te desconsoles: estás a tempo de remediar o mal. Eu vou comprar-te um jôgo.

No dia seguinte o pai de Paulo procurou por todas as lojas um jôgo igual ao de Susana, e não o encontrou. Então chamou um marceneiro, mandou fazer as peças de madeira e pintou-lhas êle; mas querendo torná-lo superior ao da sua sobrinha Susana meteu-lhe tambem os afluentes dos nossos rios e tornou o jôgo maior e mais interessante. Todas as noites Paulo, antes de se deitar, jogava uma partida com a mãe, e oito dias depois já era um excelente parceiro: nenhum dos meninos que com êle brincava seria capaz de conhecer melhor a hidrógrafia portuguesa.

Convencido disso pediu ao pai que o levasse a jantar a casa da prima num domingo, dia em que todos os meninos da família se juntavam ali.

Foi e jogou melhor do que todos os outros, que ficaram espantados do seu imprevisto saber.

Susana prometeu-lhe ir a casa dêle para ver o jôgo que o pai lhe fizera e os seus aumentos, e os meninos que lá estavam, quando fôram para casa, pediram aos pais cartão forte e talharam um jôgo para si. O mesmo podem fazer os meus pequenos leitores. Mas voltemos a Paulo: de volta a casa, com seu pai, dizia-lhe:

— Hoje, sim! Ficaram todos êles com cara de parvos.

— Ora dize-me lá, perguntava-lhe o pai em tom amigavel: ¿valeu ou não valeu a pena estudar umas noites?

— Isso valeu. Fiz um figurão. Não precisei de ler nada. Eu sabia tudo aquilo.

— Já vês que o estudo tem as suas compensações, disse o pai abraçando-o afectuosamente.

*
* *

Susana, ao deitar-se no seu pequenino leito, acolchoado de seda côr de rosa, contava á mãe as peripécias do jôgo e terminava assim:

—¿Lembra-se da triste figura que o Paulo fez no dia dos meus anos, mãezinha?

— Lembro. Não admira: êle sempre foi muito pouco estudioso...

— Pois olhe que hoje soube mais do que todos nós. Fiquei espantada. E' preciso fazer-lhe justiça.

— Se a merece, emendou a mãe ainda duvidando.

— Merece, merece. Não imagina a pena que tenho de o ter tido tanto tempo na conta de tôlo.

... ao deitar-se no seu pequenino leito

— E' o contra de ser preguiçoso: chega-se a parecer estúpido. Felizmente que tu nunca o pareceste.

E, muito contente de ter uma filha aplicada ao estudo, a mãe de Susana foi contar ao marido a bôa transformação de Paulo.

NO NATAL

Jesus, deitado nas palhas,
Sem abrigo nem calor,
Não tem frio porque a mãe
O fita com muito amor.

Vós todos, que tendes mãe,
Que vos aninha e conforta,
Tende dó dos orfãozinhos
Que pedem á vossa porta.

Dai-lhes dos vossos bonecos,
Fatos, livros, fruta, pão.
Aconchegae-os, coitados!
Bem junto do coração.

As mães dêles, que morreram,
Pedirão no ceu a Deus
Que torne muito felizes
Os que olharam pelos seus.

E Deus, que nada recusa
A's preces de bôa mãe,
Ha de guiar-vos na vida
Pelo caminho do bem.

O FILHO DO TIMÓTEO

Estêvão, sentado na relva, chorava emquanto seu pai tentava consola-lo.

Estêvão era um rapaz bom, inteligente e trabalhador. Natural duma pequena aldeia da Beira, onde habitava, levantava-se ao nascer do sol e deitava-se quando o astro de oiro se sumia atrás dos montes Hermínios.

De manhã á noite, com a enxada nas mãos, revolvia a terra, cantando alegremente alguma cantiga aprendida na infância. Vivia feliz, e, eis senão quando, caíu nas sortes para soldado. Tinha de partir, deixar os pais, a terra em que nascera, a noiva, os amigos, e tudo quanto lhe falava ao coração. A idea da farda, que nas cidades encanta tanto os rapazes, aflige-os e entristece-os na aldeia onde ela representa a separação de tudo quanto se ama.

Tinha pois recebido ordem de marchar para a cidade. Em frente dos pais aparentara indiferença, mas saíndo de junto dêles fôra esconder-se a chorar

a um canto da horta. O pai, que tinha passado em novo pelo mesmo desgosto, viera ter com êle e para o consolar dizia-lhe como a vida militar era diferente da idea desagradavel e triste que dela se fazia na aldeia.

Estêvão, sentado na relva...

Êle chorava mais. Então o pobre pai, vendo que nada valia pintar-lhe alegrias nem festas, tentou falar-lhe ao coração:

—Dize-me uma cousa, filho da minh'alma. ¿Tu queres ou não queres lá de dentro á terra em que nascêste?

— Isso nem se *prégunta, sor* pai.

— Ora então dize-me cá: ¿Se eu, se tu, e muitos outros, não soubermos pegar em armas, quem a ha de defender do estrangeiro quando preciso fôr?

— Não digo menos disso, mas custa-me muito.

— Qual custa! tornou o velho, voltando a cabeça para que o filho lhe não visse os olhos marejados de lágrimas. Dizes isso porque ainda não pensaste bem.

— Nem quero, volveu o rapaz mal umorado.

— Não queres! tem graça! ¿Então se nós, portugueses, nos não soubermos defender, se o estrangeiro, conhecendo a nossa fraqueza, entrar por Portugal dentro, talar os nossos campos, maltratar tua mãe e tua irmã, insultar os meus cabelos brancos, demolir pedra por pedra a nossa casa... tu não queres saber?

Estêvão pusera-se de pé como sacudido por um choque eléctrico, e rubro, convulso, num tom de voz comovido, exclamou:

— Tem razão, *sor* pai, devo ter-lhe parecido bem ruim. Compreendo agora que o dever que vou cumprir me deve orgulhar e não entristecer, e emquanto eu viver, (e os olhos fuzilaram-lhe de raiva) nenhuma mão estranha tocará nas pedras da nossa casa.

— Bravo! meu rapaz. Eu bem dizia a tua mãe que *bom sangue não mente* e, ou eu me não chamava Timóteo, ou o meu filho devia compreender tudo que a palavra *Pátria* espalha de força no coração dum homem.

E, pondo-se de pé, proseguiu com entusiasmo e

tirando o seu chapeu de aba larga num movimento respeitoso:

— Pátria! Se tu soubesses como nós olhamos o pedaço de sêda que, tremulando ao vento, a mostra dominadora em terras de além-mar! Se tu soubesses

A moradia de Estêvão

como num combate se dá a vida alegremente e se disputa a honra de morrer por ela!... Tu ainda não percebes isto bem, meu Estêvão; estás ainda rude e inculto como os baldios de ao pé do cemitério; mas se puderes vir de licença por ocasião da festa da nossa aldeia, então... então has de dizer-me o que pensas das tuas ideas de hoje.

Estêvão abraçou o pai e entrou em casa confortado.

Quando, passado um ano, voltou pela primeira vez á terra, vinha um janota. Falava á moda da cidade e não conhecia vida melhor, dizia êle, do que aquela que dá constantemente ao homem a noção da sua força e dos seus deveres.

Ao serão, pegando na guitarra que trouxera para mostrar as suas habilidades musicais á família, cantou:

Tenho orgulho em ser soldado
Sempre pronto a batalhar.
¿Quem não dá seu sangue á pátria,
Se ela tudo lhe ha de dar?

Vá, portuguêses, um brado
Que ressoe de val em val:
Viva a nação mais heróica!
Viva! Viva Portugal!

A família olhava-o enlevada e estática, mas, quando êle acabou o último verso, todos gritaram com entusiasmo frenético:

—Viva Portugal!

E o pai do soldado, limpando comovido os olhos á manga do jaleco, murmurou:

—Eu bem dizia que ou eu não era Timóteo ou o meu filho havia de ser um sincero patriota.

— Está visto! disse a mãe com orgulho. Quem não quer á pátria é porque não é bom de raiz.

Tinha razão a mãe do Estêvão: dificilmente se descobrirá um sentimento nobre no homem que pronuncia indiferente as sílabas singelas e sublimes da encantadora palavra — *Pátria.*

O PAPAGAIO

O Pedro, em vez de estudar
Ensina um loiro que tem
A dizer grandes tolices,
Que êle aprende muito bem.

Depois, deixa o livro aberto
E, sem olhar a lição,
Põe-se a imitar os palhaços
A's cambalhotas no chão.

Sentindo os passos do pai
Ao longo do corredor,
Inclinado sobre a mesa,
Finge estudar com ardor.

—¿Então ainda falta muito?
Pergunta sorrindo o pai.
— Muito pouco. O que é dificil
Já da idea me não sai.

Retira-se o pai, contente
Por vêr tanta aplicação,
E Pedrito recomeça
A's cambalhotas no chão.

Ensina um loiro que tem

A irmã, no dia seguinte,
De ouvir o loiro pasmava:
Com língua mais do que sôlta
Velha criada insultava.

E, vendo o criado a rir,
Agitando o espanador,
Perguntou com voz severa:
— ¿Foi você o professor?

O criado protestou:
— Eu não ousava ensinar
Tantas asneiras ao loiro;
Podia o senhor ralhar.

Lili chamou sua mãe
Para ouvir o papagaio,
Que, contente, repetia:
— Esta criada é um raio!

Em casa todos negavam
Ter dado ao loiro lições.
Recaíram no criado
As naturais suspeições.

Resolveu o pai de Pedro
Mandar o culpado embora,
Que jura estar inocente,
E de indignado até chora.

Ajoelhando junto ao pai,
Disse Pedro, envergonhado:
— Seja eu o castigado
Que o pobre sem culpa vai.

— Meu filho, responde o pai,
Cumpriste uma obrigação.
Mas, visto que a falta é tua,
Pede ao criado perdão.

—¿Foi você o professor?

Se to concede, meu Pedro,
Eu não to recuso, não;
Se o nega, dou-te o castigo
Que merece a feia acção.

O criado perdoou,
E Pedro não tornou mais.
Agora estuda a lição
Sem enganar os seus pais.

Mas fica sempre vexado
Quando o mau do papagaio,
Mal o avista, repete:
— Esta criada é um raio!

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

O CONSELHO DA PRINCESA

Numa época remota havia no Oceano Pacífico uma formosíssima ilha da qual os geógrafos nos não dão notícia. A civilização, ao contrário do que sucede nas outras ilhas que povoam este oceano, estava adiantadíssima ali. Os vários inventos aparecidos em nossos dias já naquela terra abençoada tinham aplicação ha longos séculos. O solo era riquíssimo pelas suas minas de oiro e prata, metais que exportava para a Europa. Os seus habitantes tinham todos os requintes do confôrto e da comodidade que hoje conhecem os parisienses.

Deviam portanto viver felizes e alegres. Mas não sucedia assim, e vamos dizer porquê.

Os homens eram muitos e recebiam todos a mesma educação. O rei, quando cada um dos seus súbditos chegava á maioridade, dava-lhes terras, casa e armas, sempre iguais; mas como uns eram mais inteligentes do que os outros, melhores ou piores, acontecia que dentro em pouco uns estavam ricos e se

administravam muito bem e os outros eram pobres e não tinham nada, precisando de trabalhar para os ricos para se poderem sustentar. O rei Jacomo III, que era a bondade em pessôa, desolava-se, pensava e tornava a pensar, e não via meio de remediar tanto mal. Chamou os seus melhores e mais encanecidos con-

O rei Jacomo III

selheiros e consultou-os sobre tão grave assunto, expondo-lho singela e claramente nestes termos:

— Chamei-vos, meus bons amigos, porque eu queria que no meu reino os homens fôssem igualmente bons e felizes. Nesta intenção tomo-os á minha conta desde os seis anos de idade, cursam as mesmas aulas, vestem os mesmos fatos e, chegados á maioridade, entrego a todos os mesmos bens. Anos depois, vejo com mágua, uns ricos, outros pobres, ou-

tros mal entrajados, muitos ainda corrompidos por asquerosos vícios, e não sei como hei de remediar tão triste situação. Reùní-vos para tomar parecer da vossa experiência e saber. Que me dizeis?

Fez-se um longo silêncio. Por fim, o mais velho dos cinco conselheiros ergueu a cabeça veneranda, orlada de longas cãs, e respondeu:

— Meu senhor, a minha idade aconselha-me a nunca me pronunciar de leve sobre assunto de ponderação.

O rei, descontente, franziu o sobrolho e, voltando-se ao segundo, perguntou:

— E vós?

— Eu, meu senhor, entendo que o melhor seria promulgar uma lei que proìbisse os súbditos de vossa majestade de adquirirem os bens uns dos outros.

— Sim, disse o rei, essa idéa é exeqùivel...

E ia continuar, quando o terceiro dos seus conselheiros exclamou com veemência:

— Pelo amôr de Deus, senhor, não faça vossa majestade tal cousa.

Este tinha muitas propriedades que comprara aos outros.

— Porquê? perguntou-lhe o rei num tom impertinente.

— Porque vossa majestade deu tanto a uns como aos outros, e, se uns o perderam, foi por sua culpa; se outros o ganharam foi com o seu trabalho.

— Tendes razão.

E o rei quedou-se pensativo.

Então o quarto conselheiro murmurou a mêdo:

— Eu lembro que se podiam expulsar da ilha todos os deserdados, porque quem não sabe zelar o seu, menos saberá tratar do alheio.

— Eu não tenho geito para tirano, exclamou o rei indignado.

— Pois eu, meu senhor, disse o quinto, que tinha ouvido tudo em silêncio, acho que o melhor é averiguar as causas por que uns estão ricos e outros pobres e dar-lhes prémio ou castigo segundo se provar que o seu procedimento é bom ou mau, independente isto da situação que disfrutam.

O rei sorriu amargamente, murmurando:

— Que utopias!

— Utopias, meu senhor?

Vendo o rei que nenhum dos seus conselheiros dava um bom alvitre, voltou-se para o primeiro que falára, e disse-lhe:

— Tendes três dias para resolver este negócio. Se ao fim dêles o não fizerdes, direi que vós não vos interessais por mim nem pelo meu povo.

E, abaixando levemente a cabeça aos seus conselheiros, saíu da sala.

Travou-se então uma acalorada discussão e, ao fim de quatro horas, todos os assistentes saíram da sala sem terem chegado a um acôrdo e muito descontentes entre si.

A filha primogénita do rei, e herdeira do trono,

era a princesa Clotilde Maria, célebre em toda a cristandade pelas suas virtudes e beleza.

A princêsa e as suas aias

Uma tarde, depois do conselho, estava ela sentada junto da janela do seu quarto de lavor, quando viu D. Julião Zamora, o mais conceituado e velho

dos conselheiros de seu pai, vaguear pensativo através das ruas saibradas do jardim.

Era a princesa muito amiga dêste ancião que toda a sua vida conhecêra e lhe manifestára sempre ter por ela a mais sentida dedicação. Vendo-lhe um ar preocupado, chamou uma das suas açafatas e disse-lhe:

— Repara, Domingas: ¿não te parece que D. Julião anda pensativo e triste?

— Não ha dúvida, minha senhora; D. Julião anda triste e pensativo.

Uma das muitas cousas em que os grandes da terra são para lamentar é que geralmente nunca ninguêm os contradiz e todos afirmam cegamente aquilo de que ás vezes êles na propria consciência duvidam. Foi este hábito que ditou a resposta de Domingas, mas desta vez acertou por acaso.

— Bem, disse a princesa, désce prontamente ao jardim e pede-lhe da minha parte que te acompanhe.

A linda açafata atravessou correndo os largos corredores, desceu as escadas aos pulos e, chegando aos jardins desapareceu ràpidamente entre os altos muros de buxo que orlavam as suas ruas.

A princesa seguia-a da janela com a vista e, quando ela desapareceu, murmurou:

— Deus permita que Domingas encontre o bom D. Julião porque fico inquieta emquanto não souber o que o traz mal assombrado.

Momentos depois voltou de novo Domingas, mas

desta vez em passo vagaroso e acompanhando D. Julião.

Conversavam ambos animadamente e a gentil açafata gesticulava muito.

Quando entraram na salinha, onde a princesa os esperava, Domingas, que era curiosa como quasi todas as mulheres, encostou-se naturalmente ao espaldar da cadeira da sua ama na esperança de ouvir o que se ia dizer; mas esta, pessôa discreta, apesar de nova, disse-lhe no tom amigavel em que sempre falava com os seus inferiores:

— Vae para o teu quarto, Domingas, e deixa a porta aberta para o corredor para poderes vigiar que ninguêm venha interromper a nossa conversação.

Domingas retirou-se alegremente por desempenhar uma incumbência de confiança e a princesa, sorrindo, observou a D. Julião:

— É bôa rapariga, mas não confio muito na sua discrição. A gente môça raras vezes sabe calar o que vê e o que ouve.

E D. Julião, de si para si, notou que a princesa Clotilde tinha a arte de fazer as cousas sem melindrar as pessôas, o que é uma rara e simpática qualidade.

— ¿Vossa alteza ordenou-me de vir aqui? perguntou o velho cortesão.

— Não lhe ordenei, meu amigo, pedi-lhe que viesse e eu lhe digo porquê: vi-o passear nos jardins com ar triste e já vae para três dias que o acho

apreensivo. Sou muito sua amiga, D. Julião, e a idea de que pode ter qualquer cousa que o incomode aflije-me.

D. Julião curvou-se a beijar a mão de sua alteza

D. Julião Zamora

e respondeu com muita gratidão e sincero reconhecimento:

— Não sei como agradecer-lhe, minha senhora, o interesse que me dispensa. Vossa alteza foi sempre o anjo bom de todos nós, mas neste caso...

— Diga, D. Julião, diga. Estou anciosa por saber.

Então, em grande segrêdo porque os negócios de

estado não vinham a público sem autorisação régia, D. Julião contou á princesa Clotilde quanto se havia passado no último conselho e ajuntou pesaroso:

— O mal é irremediavel. Pode atenuar-se. Fazê-lo desaparecer radicalmente é impossivel. Os homens, por muito que estejam educados, são sempre homens.

E pronunciou este fim de frase com um acentuado pèssimismo.

A princesa inclinou nas mãos a formosa cabeça e ficou alguns momentos pensativa. Depois ergueu-a e, tomando as mãos de D. Julião nas suas, disse-lhe com sincera amizade:

— Não diga isso a El-Rei, D. Julião. Os reis têem, pior do que a maioria dos homens, a vaidade do poder absoluto e não querem encontrar nunca obstáculos. Afiance-lhe que a cura é demorada, mas certa. Assim faz o meu médico com muitos doentes que crê perdidos e dá-lhes, com esse procedimento, ânimo para suportar seus males. Meu pai exultará com a certeza que D. Julião lhe der, porque o tem em grande aprêço.

— Mas, minha senhora, vossa alteza esquece que quando sua majestade vir que os meus conselhos não deram resultado, perderei no seu conceito. Essa idea entristece-me muito.

—¿Então, francamente, não acha cousa alguma?...

— Absolutamente nada.

— Nesse caso, meu amigo, vou sugerir-lhe um pensamento que, embora não tenha outra vantagem, porá meu pai contentíssimo e talvez melhore a situação. Tudo quanto é aparato agradou sempre aos reis, bem o sabe.

D. Julião fez um gesto de assentimento.

A princesa continuou:

— Diga-lhe pois, que o meio é criar um corpo para maior honra da sua pessôa, intitulado *Os cavaleiros do Bem*, ao qual só pertencerão aqueles que conservarem o que El-Rei lhes deu, sem o aumentar além daquilo que o produto da terra lhes pode naturalmente dar.

«Esses cavaleiros terão prerogativas que os outros não têem.

«Para que ninguêm tenha o direito de se queixar, um rico, de conduta exemplar, pode tornar-se cavaleiro do Bem dando o excesso dos seus haveres sobre a fortuna calculada naturalmente possivel a um cavaleiro do Bem. O seu uniforme será o mais belo da côrte e todas as outras dignidades nada. Tanto que os cavaleiros do Bem só poderão aceitar honras do estrangeiro porque, no reino, não haverá nada maior nem melhor do que esse título.

D. Julião reflectiu e disse por fim:

— Não me agrada o plano de Vossa Alteza, mas, como não tenho outro melhor, apresenta-lo-hei amanhã a El-Rei.

Conversaram ainda muito àcerca de vários as-

suntos porque a princesa, sabendo-se destinada a reinar, interessava-se muito por política, e, contente com a sua idea, despediu finalmente D. Julião, dando-lhe a mão a beijar com muitas palavras de amizade e consideração.

Eram três horas da tarde e todos os conselheiros

O palácio do rei

do rei, reünidos no paço, esperavam sua majestade na sala do conselho.

Os seus rostos tinham um aspecto grave; mas, longe de comunicarem uns aos outros as suas impressões, estavam retraídos como se cada um dêles tivesse mêdo que os outros lhe roubassem as primeiras ideas que se lhe agitavam no cérebro. Por fim abriu-se a porta da sala e entrou Jacomo III com ar

risonho e amavel. Sentou-se no lugar principal e fez sinal aos outros para que lhe imitassem o exemplo.

Depois, olhando em roda, dirigiu a palavra a D. Julião que se recusou a falar sem que os mais novos o fizessem, porque não desejava tapar-lhes o caminho, antes se regozijaria se qualquer dêles mostrasse plano digno de aplauso.

Elogiou muito o rei tão nobre e raro procedimento e mais uma vez o conselho, em lugar de ser o que devia, se tornou uma clara defesa de interesses pessoais.

O rei sorria de quando em quando ironicamente. Por fim, vendo a triste figura que os seus conselheiros não se pejavam de fazer, voltou-se para D. Julião.

Este, vendo-se interrogado, ergueu-se e com voz clara e firme, apresentou o projecto da princesa, melhorando-o em tudo que êle sabia que podia ter valor no conceito dos que o escutavam.

Os apoiados choviam de todos os lados. O rei estava radiante. O plano era classificado de soberbo. Sua Majestade seria o unico Grão Cavaleiro do Bem; os outros simplesmente Cavaleiros.

Todos exultaram menos o conselheiro Bártolo Calvino, muito invejoso, cubiçoso e rico, e que se via colocado entre dois fogos: ou perder parte da sua fortuna, ou vêr os outros Cavaleiros sem êle o ser. Queria mostrar-se alegre e não podia: era a burra de Buridan entre os dois feixes de palha.

Estabeleceu-se calorosa polémica e, apesar de serem homens, a elegância do fardamento preocupava-os a todos.

Finalmente o rei despediu-os. Todos se retiraram muito satisfeitos e o que se mostrava mais alegre era o que ia mais triste.

D. Julião foi bater á porta dos aposentos da princesa que o mandou entrar imediatamente.

A um gesto dela as suas aias retiraram-se.

Logo que ficaram sós, a senhora D. Clotilde perguntou:

—¿Então, D. Julião, que se passou no conselho?

D. Julião Zamora pôs de parte a máscara de alegria, que estava longe de sentir, e contou-lhe quanto se havia passado.

A princesa escutava-o atenta e um sorriso de vaidade satisfeita desenhava-se-lhe aos cantos da bôca.

Quando D. Julião terminou, disse-lhe:

— Nós brincamos com os acontecimentos da vida como as crianças com os bonecos: eu esperava isso mesmo. Apesar de serem pessôas idosas e tidas na conta das mais ponderadas do reino, não resistiram ao atractivo da dignidade e da farda.

— Vossa Alteza tem uma precocidade de juizo que não é vulgar, minha senhora... Mas que direi eu a El-Rei quando Sua Majestade conhecer a ineficácia do meu alvitre?

A princesa desatou a rir e, pousando a mão no

braço de D. Julião, afirmou-lhe num tom de profundo convencimento:

— Quando tiverem debatido muito o assunto, perderão o entusiasmo por êle e uma idea nova substi-

A princesa

tuirá aquela sem que ninguêm repare nisso: é o que sucede em toda a parte.

— ¿E a minha consciência? interrogou o velho conselheiro.

— Ficará contente porque não podia fazer melhor.

Criou-se o corpo dos Cavaleiros do Bem com grande descontentamento da maioria da nação, que os olhava rancorosa chamando-lhe os privilegiados.

Muitos se propunham a perder parte da sua fortuna para adquirirem tal honra, mas desistiam em vista de sêr preciso provar que o seu comportamento fôra até então exemplar, e não o podiam fazer não só por lhes faltarem documentos como pelas informações colhidas.

Viam-se pois privados de usarem as águias brancas, elegante distintivo dos Cavaleiros do Bem.

Então, como eram poderosos e tinham muitos haveres, tentaram agitar o povo, espalhando dinheiro e ideas subversivas: e um, mais audaz, criou um grupo que intitulou os Cavaleiros do Mal.

Conspiravam na sombra contra a vida e propriedade dos Cavaleiros do Bem e, como estes se distinguiam pelas águias brancas, êles adoptaram as águias negras.

Como tramavam a ocultas, ninguêm pensava que êles existiam, o que lhes era profundamente desagradavel porque os Cavaleiros do Bem ostentavam as águias brancas á luz do sol que fazia rebrilhar o aço dos seus capacetes e o oiro das suas fardas.

D. Pelaio de Bajós era o Grão Chefe dos Cavaleiros do Mal. Tinha, pela sua muita vaidade, querido pertencer ás águias brancas e deixara para isso quasi metade da fortuna; mas tendo-se procedido a um inquérito rigoroso, soubera-se que êle ficara com a for-

tuna da irmã, obrigando-a a casar contra sua própria vontade por combinação prévia com o noivo.

Claro que bastou provar-se essa falta para êle não poder pertencer a tão luzido corpo.

Despeitado, jurou vingar-se, e uma noite em que D. Jeremias, que fôra o Cavaleiro do Bem que lhe fizera o inquérito, descansava no jardim do seu palácio, gozando as delícias dum esplendido luar, êle, seguido por uns vinte homens que entre os Cavaleiros do Mal lhe mereciam mais confiança, penetrou no jardim e colhendo-o de surpreza, matou-o barbaramente. E como uma das cousas que mais o fazia sofrer na sua vaidade, era não poder ostentar as galas do posto com que se honrára, escreveu a tinta vermelha num papel que pregou no peito da vitima:

«Vingança das Aguias negras.

O chefe dos Cavaleiros do Mal.»

No dia seguinte não se falava noutra cousa na cidade.

O govêrno dera as mais severas ordens contra o criminoso, pondo-lhe a cabeça a prémio.

O rei, furioso com a morte dum dos seus mais queridos amigos, não recebia ninguêm.

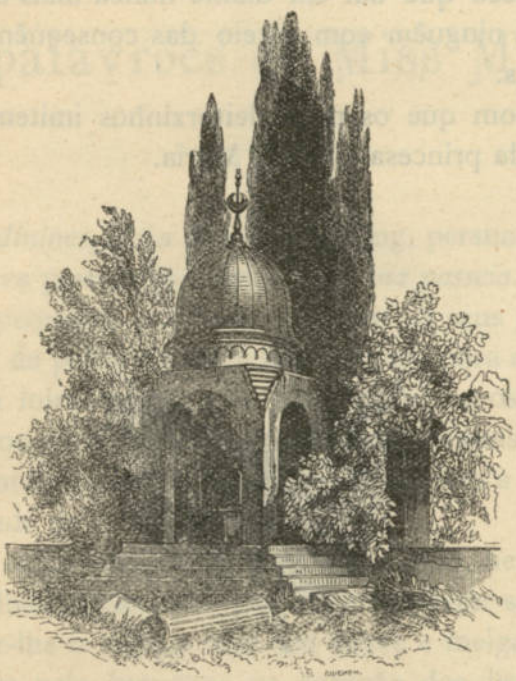
A princesa Clotilde Maria chorava.

Em pé, defronte dela, D. Julião, com ar consternado, tentava consola-la:

— A culpa não é de Vossa Alteza, minha senhora.

Eu é que, na idade em que estou, devia prevêr que toda a acção provoca uma reacção.

— Não diga isso, meu amigo. Sinto que não mereço perdão. Agora é que eu vejo como fui néscia na



O tumulo de D. Jeremias

minha vaidade. Não se devem dar conselhos, quando se não podem adivinhar os resultados. Bem diz o adágio: *quem semeia ventos colhe tempestades.*

— Pobre D. Jeremias! murmurou sentidamente D. Julião.

— Parece-me que fui eu que o matei!... comentou a princesa.

— Ambos nós, minha senhora, ou nenhum.

As palavras do seu velho amigo não consolaram Sua Alteza que daí em diante nunca mais deu conselhos a ninguêm com receio das conseqüências imprevistas.

É bom que os meus leitorzinhos imitem a prudência da princesa Clotilde Maria.

Os palavrões de Miss Mary

— *Minines*, dizia miss Mary King, persuadida de que falava português, vamos dar *uma passeia*.

Os pequenos correram a buscar os seus grandes chapeus de palha e saíram festivamente para a quinta atrás da loira inglesa que, fixando melhor os óculos de oiro no nariz, seguia lentamente pelas ruas ajardinadas para alcançar o portão que dava para a estrada rial, orlada de grandes tílias em flôr.

Era uma simpática criatura esta miss, nem nova nem velha, muito feia, mas com um bom sorriso a iluminar-lhe o rosto e uma voz suave e meiga que se insinuava pela brandura no coração dos discípulos, conseguindo mais e melhor do que uma pesada e severa autoridade.

Os pequenos começaram a correr, ora para trás ora para diante, soltando gritos de alegria. A bôa mestra olhava-os com afecto. Por fim chamou:

—¡Wiliam!

—¿Miss? interrogou o pequeno, parando.

—¿Vamos povoado, sim? Miss quer comprar lã para *croché* dela.

— Tanto faz ir para um lado como para o outro.

— *All right* (lê-se ol raite e quer dizer: está bem).

Os discípulos de miss Mary

—¿Miss, que flôr é esta?

— E' um cogumela.

—¿Um cogumelo?

— Sim. Miss já sabe tudo em su língua. Quando desembarcou Lísbon nó sabia nada: tem prendido muito em livro.

— Bem se vê, disse Guilherme entre risonho e irónico.

—¿E que espécie de vegetal ser?

— E' um vegetal inferior.

— Está bôa. Motivô?

— Nunca tem flôres.

— Mary!

—¿Miss?

— Goste cugumela no môlha?

— Muito, miss, mas tenho mêdo de os comer porque a nossa cozinheira já os ia confundindo com os venenosos.

— Apanha uma com su patinha.

—¡Patinha, Miss! Não se diz das pessôas em português.

—¿Nó? Então, se se diz mãozinha de carneiro, nó disparate patinha de senhora, concluiu gravemente miss Mary.

Os pequenos desataram todos a rir.

A miss olhava-os interdita sem perceber a causa de tão grande hilaridade. Assim, ouvindo falar um português que nunca o foi, os pequenos seguiram rindo e brincando até á pequenina loja do lugar.

A miss comprou a lã e, quando foi para pagar, faltava-lhe um vintêm,

—¿Dinheira traz, Wiliam?

— Não, Miss, nem um ceitil.

—¿Que querr dizer ceitil?

Wiliam mostrou-se atrapalhado e balbuciou:

— Creio que é uma moeda antiga de pouco valor, Miss. Não sei bem.

—¿ *Então para que dizer?* tornou a Miss com ligeiro enfado.

Regressaram a casa e durante o caminho Miss Mary repetia para não esquecer:

— Ceitil... ceitil.

Logo que avistou o pai dos pequerruchos, que lia

Miss Mary

no terraço, sob um toldo de linhagem, listrado de vermelho, Miss Mary perguntou-lhe abruptamente:

—¿ Que é ceitil?

O pai dos pequenos, aproximando-se da grade, respondeu sorrindo:

— Ceitil é uma moeda de cobre que fez gravar D. João primeiro em memória da cidade de Ceuta, que

conquistou aos mouros. Valia a sexta parte dum rial, que correspondia a seis ceitis.

—¿Já não ha?

— Agora podem vêr-se nas colecções. Comtudo até D Sebastião, e algum tempo depois, ainda corriam até que acabaram por se extinguir.

—¿Mas se isso já vai tão longe, perguntou Wiliam, para que é que ainda se diz: não tenho um ceitil?

— Costume que ficou através dos tempos e que tambêm se ha de perder um dia.

— Obrigada pela explicação.

E, voltando-se para Guilherme e para as irmãs, sentenciou:

— Não sirvam nunca palavras sem conhecer. Mau costume!

— Equivale aos palavrões de Miss Mary, murmurou Guilherme ao ouvido da irmã. Ouvi-los é desaprender a língua.

—¿Que dizo êle?

— Que a Miss tem razão, apressou-se a responder Maria.

— Certo, tornou a inglesa contente, mim ter sempre razão.

Os pequenos, beijando-a, fôram arrumar os chapeus.

FIM

ÍNDICE

	PAG.
O raio	5
O mestre	11
O tio Vicente	15
O mocho	25
A menina malcriada	29
D. Juanita	35
A história do prior	39
O dentista	45
Orgulho de português	49
O rei do deserto	53
A felicidade de Rosa	57
Vingança de Tomiris	69
O sonho de Nini	71
O castigo de Neptuno	77
O presente de Susana	81
No Natal	89
O filho do Timóteo	91
O papagaio	97
O conselho da princesa	103
Os palavrões de miss Mary	121

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

ÍNDICE

O rato 7
O macaco 11
O rio Vizonta 15
O medo 21
A grande maioridade 25
O lagarto 31
A história do pobre 37
O tenente 41
Orgulho de português 49
O rei do deserto 55
A felicidade de Rosa 61
Vingança de Tomás 65
O sonho do Nico 71
O castigo de Hepfino 77
O presente de Susana 83
No Natal 89
O filho do Tiadeiro 91
O papagaio 97
O conselho da princesa 103
Os palavrões de mãe Mary 111

ÍNDICE

O rato 7
O macaco 11
O rio Vizonta 15
O medo 21
A grande maioridade 25
O lagarto 31
A história do pobre 37
O tenente 41
Orgulho de português 49
O rei do deserto 55
A felicidade de Rosa 61
Vingança de Tomás 65
O sonho do Nico 71
O castigo de Hepfino 77
O presente de Susana 83
No Natal 89
O filho do Tiadeiro 91
O papagaio 97
O conselho da princesa 103
Os palavrões de mãe Mary 111

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

Outros livros para creanças, editados por esta casa, com bonitas encadernações em percaline

Ás mães e ás filhas, por Caïel	700
A Chave da Sciencia, por Brewer e Moigno, nova tradução muito desenvolvida e ampliada, 3 vols. illustrados com muitas gravuras	6$000
Contos da avózinha, por J. Q. Travassos Lopes, 3 vols. illustrados	1$080
Contos, de Pedro Ivo	300
Contos, de Trueba	500
Contos do tio Joaquim	300
Contos e phantasias, por Maria Amalia Vaz de Carvalho	800
Contos para a infancia, por Guerra Junqueiro, 5.ª edição illustrada com chromos	600
Descoberta da India, por Pinheiro Chagas, illustrado	1$000
A filha do João do Outeiro, romance por Caïel, illustrado	900
Historias, por Gyp, illustrado	700
Historias de animaes, sua vida, costumes e anedotas, por Travassos Lopes, 3 vols. illustrados.	1$200
Ditosa patria minha amada, por J. T. da Silva Bastos, edição illustrada	600
Primeiras leituras, por Caïel, illustrado	600
Leituras correntes e intuitivas (conhecimentos uteis), por Travassos Lopes, 2 vols. illustrados	720
Leituras populares instrutivas e moraes, por Brito Aranha, illustrado	200
Maravilhas da creação, ou historia e descripção illustrada dos animaes, 3 vols. com mais de 500 gravuras	8$000
Revista branca, dedicada ás creanças	700